

Livros Coletânea:

Euclides da Cunha, com rigor e leveza

O autor de *Os Sertões* é analisado em 16 textos de Walnice Nogueira Galvão

Francisco Foot Hardman
ESPECIAL PARA O ESTADO

A impressão forte que fica da leitura deste *Euclidianos* é a de um longo memorial que sedimenta a trajetória da pesquisadora Walnice Nogueira Galvão nas trilhas no mais das vezes imprevisíveis dos estudos que foi acumulando em torno do criador de *Os Sertões*.

São 16 artigos distribuídos entre quatro seções temáticas e uma apresentação, abarcando um longo intervalo de 25 anos, desde seu ensaio seminal sobre a formação intelectual de Euclides da Cunha em seus anos de Escola Militar, saído numa antologia coordenada por Florestan Fernandes, em 1984 – ao contrário do que se poderia supor, a grade curricular da instituição era bem abrangente, generalista, e abrigava as humanidades com destaque, para além das ciências e engenharia –, até seu recente *Euclidianos e Conselheiristas: Um Quarteto de Notáveis*, saído ainda agora em número especial da *Revista Brasileira*, da Academia Brasileira de Letras, em homenagem ao centenário da morte do escritor. Nesse texto, Walnice homenageia Antonio Houaiss, Franklin de Oliveira, José Calasans e Oswaldo Gallotti (fundador, não da Semana Euclidianos, em 1912, como afirma a autora, mas da Maratona Euclidianos, em 1939), numa mesa-redonda quase mitológica em torno de seus próprios fantasmas sobre a obra do escritor, ali pelos idos de 1986.

Porque aqui se trata de um pouco de famílias. E de manias. Das grandes, evidentemente. Pode-se reclamar com a autora o fato de ser bem mais generosa com os ancestrais dessa linhagem de estudiosos do que com os descendentes. Mas talvez essa ordem, às vezes algo hierática e reverencial, seja algo inevitável. Seu mérito, sem dúvida, é de abrir diálogo com zonas esquecidas, mas fundamentais de uma fortuna crítica secular, que já vai somando referências aos milhares. E as parcerias que adotou são meio raras no ambiente acadêmico estreito atual, especialmente da academia paulista. Foi assim, por exemplo, que se juntou a Oswaldo Gallotti e nos brindou com a *Correspondência de Euclides da Cunha* (1997), que permanecia extremamente lacunar e dispersa

DIZER SEMPRE O QUE
ACHA JÁ LHE VALEU
MAL-ENTENDIDOS
E MESMO DESAFETOS

por quase 90 anos. Foi também assim que, em colaboração com Fernando Peres, que guarda, no Centro de Estudos Bahianos da UFBA, o acervo de José Calasans, editou este precioso *Breviário de Antônio Conselheiro* (2002).

Pois Walnice, mulher de múltiplos talentos, entre os quais o de sempre dizer o que acha, o que já lhe valeu mal-entendi-



WALNICE – Estilo escorreito, sem prejuízo da mordacidade e da ironia

dos e desafetos – até Roberto Schwarz tremia de medo, quando ela assumiu um lugar na comissão julgadora do concurso de sua titularidade na Unicamp, em 1992, como suplente de Antonio Candido, momentaneamente impedido –, soube transitar com maleabilidade entre as tribos de euclidianistas e conselheiristas, tornando-se amiga do maior ex-

poente dessa última “escola”, o historiador baiano Calasans. Para ele, haveria que contrabalançar o peso quase monopólico do texto de *Os Sertões* na construção da memória de Canudos com pesquisas arqueológicas e historiográficas que dessem voz ao testemunho de sobreviventes e à história material do cenário do conflito. Embora permanecendo fiel à li-



Euclidianos
Walnice Nogueira Galvão
Companhia das Letras
312 págs., R\$ 52

nya mestra dos estudos literários e filológicos textuais, Walnice passou a incorporar como valor inestimável as pesquisas de campo, o levantamento de fontes primárias e a história oral. Sua notável livre-docência, *No Calor da Hora* (1975), trabalhando com os registros da Guerra de Canudos na imprensa nacional e regional, foi marco premonitório isolado no campo da teoria literária, décadas antes de que as relações entre literatura e história se convertessem em modismo acadêmico, muitas vezes dando ótimos frutos, e outras tantas resultando em crônicas deslumbradas, mas descosidas, em narrativas descompromissadas com a interpretação dos processos culturais.

O leitor terá uma amostra significativa do universo de preferências temáticas de Walnice nesse *Euclidianos*. Dos prefácios a vários de seus 12 livros sobre Euclides – entre eles uma versão resumida da introdução que preparou para sua edição crítica de *Os Sertões* (1985; 2ª ed., 1999), bem como a que fez em *Os Autos do Processo*, que precede a publicação integral mais recente (2007) das peças do julgamento de Dilermando de Assis, após a tragédia do subúrbio de Piedade – a resenhas e artigos jornalísticos, como o belo *A Águia e o Condor* (2002), justa homenagem a Victor Hugo e sua presença na literatura de Castro Alves e Eucli-

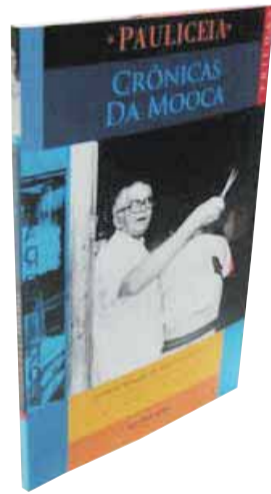
des, o roteiro todo vai revelando uma ensaísta erudita, de estilo escorreito, sem prejuízo da mordacidade e ironia. Muitos deles publicados inicialmente em jornais e revistas de grande circulação, seus textos, de ótima qualidade, demonstram à larga a grande estupidez que representa, para as humanidades, a implantação de critérios rígidos de avaliação da produção acadêmica por índices inspirados nas ciências da natureza, como o duvidoso sistema Qualis da Capes. Já que a heterogeneidade, a surpresa, a polémica e o transitório do “calor da hora” são tantas vezes índices insubstituíveis da chave de qualquer comentário, interpretação ou juízo crítico dignos do nome, não se adaptando à tábula rasa de formatos mais padronizados ou estilisticamente neutros. Mas ali se encontram igualmente ensaios de fôlego, como *Polifonia e Paixão* e *Anseios de Amplidão*, que reinserem Euclides no universo da melhor tradição literária ocidental, antiga e moderna.

Walnice, que já nos deu mais de um *Saco de Gatos*, sabe bem disso e pratica uma prosa das mais despojadas que, em muitas passagens, aproxima-se do coloquial, mantendo, embora, a abstração do argumento e a posição crítica. Aquela que um dia já se insurgiu contra a ideologia do “dia de amanhã” na música popular brasileira, pode, sem susto, trazer Euclides para o dia de hoje. E, para além da efeméride, perscrutar os sentidos ocultos de sua leitura do Brasil e as razões da permanência de sua arte literária. Que hoje trafega com incrível desenvoltura, até maior que a obra de Machado, por quadrantes que vão de São José do Rio Pardo a Cantagalo, de Paris a Berlim, de Amsterdã a Varsóvia, de Austin a São José do Paiaí, de Caracas a Manaus, de São Paulo a Madri, de Berkeley ao Rio de Janeiro. Walnice, como poucos, mostra-se em dia com essa itinerância. ●

Francisco Foot Hardman é professor titular do programa de teoria e história literária da Unicamp e autor, entre outros, de *A Vingança da Hileia: Euclides da Cunha, a Amazônia e a Literatura Moderna* (Unesp)

Lançamentos @ NO BRASIL

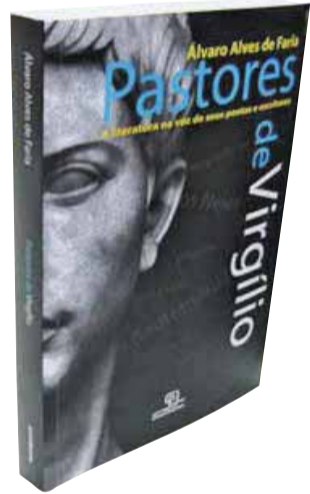
Textos: Francisco Quinteiro Pires



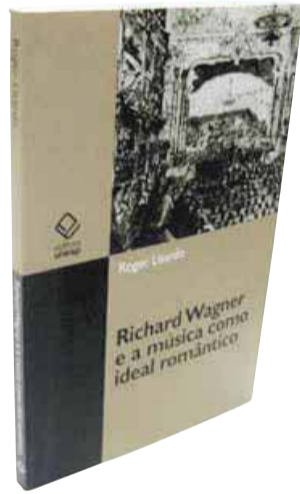
Crônicas da Mooca
Mino Carta
Boitempo
96 págs., R\$ 29



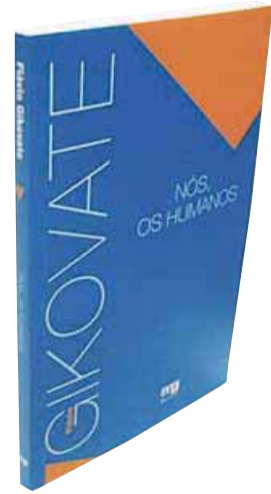
Poemas Estalactites
August Stramm
Perspectiva
94 págs., R\$ 25



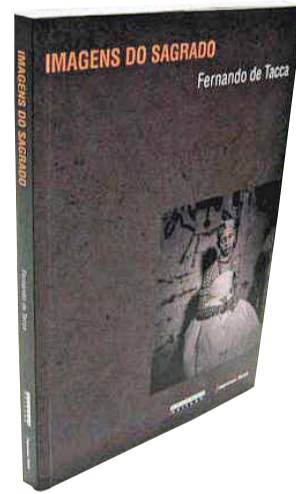
Pastores de Virgílio
Álvaro Alves de Faria
Escrituras
303 págs., R\$ 32



Richard Wagner e a Música Como Ideal Romântico
Roger Lisardo
Editora Unesp, 166 págs., R\$ 48



Nós, Os Humanos
Flávio Gikovate
MG Editores
150 págs., R\$ 33,90



Imagens do Sagrado
Fernando de Tacca
Imprensa Oficial e Editora Unicamp
200 págs., R\$ 40

Um bairro paulistano evocado em tom lírico

● O jornalista Mino Carta diz que o seu livro *Crônicas da Mooca* não tem maiores pretensões. Diretor da primeira redação de *Veja*, *IstoÉ* e *Jornal da Tarde*, Mino escreve deixando-se embalar pelas lembranças, que lhe trazem de volta as noites perfumadas pelo jasmim e as histórias daquele bairro da zona leste. Com lirismo, ele fala dos imigrantes que povoaram a Mooca – não apenas dos italianos, seus conterrâneos, mas também dos espanhóis, portugueses e eslavos. As crônicas são ilustradas por fotos de Hélio Campos Mello. Além de jornalista, Mino é escritor – autor de *O Castelo de Ambar* e *A Sombra do Silêncio* – e pintor. Nascido em Gênova, vive em São Paulo desde 1964. Hoje dirige a revista *CartaCapital*.

Poesias que vão ao fundo do mistério dos homens

● O alemão August Stramm (1874-1915) começou a produzir poesia memorável aos 40 anos. Sua produção é pouco extensa: está reunida em dois livros *Du (Você)* e *Tropfblut (Gotas de Sangue)*, escritos entre 1914 e 1915, dos quais Augusto de Campos extraiu alguns poemas para tradução. Marcados pelo discurso radical e pela temática obsessiva – o amor e a guerra –, os escritos de Stramm são como “estalactites de sangue no fundo escuro da insondável caverna do mistério humano”, escreve Campos. O organizador da obra completa de August Stramm, Jeremy Adler, comparou-o a Kandinsky (pintor) e a Schoenberg (músico), dizendo que os três foram responsáveis por introduzir a abstração em suas respectivas artes.

Escritores falam dos significados de sua arte

● Em *Pastores de Virgílio* são os poetas e prosadores que discorrem sobre suas respectivas artes. Organizado por Álvaro Alves de Faria – um dos nomes mais expressivos da Geração 60 da poesia brasileira, além de novelista, dramaturgo e cronista –, que entrevistou os participantes, este volume apresenta os depoimentos de autores que, segundo ele, “têm na literatura uma forma de vida”. Para Alves de Faria, que se diz “amargo em relação à poesia nacional produzida atualmente”, *Pastores de Virgílio* “é também um livro de indignações”. Entre os criadores presentes na obra estão os brasileiros Ferreira Gullar, José Paulo Paes e Roberto Piva, e os poetas portugueses Ana Marques Gastão e Vasco Graça Moura.

Beethoven e Wagner, em diálogo além da música

● Doutorando no Instituto de Musicologia da Universidade de Würzburg, na Alemanha, Roger Lisardo tem como foco neste livro o ensaio *Beethoven*, escrito por Richard Wagner (1813-1833) em 1870, quando se comemorou o centenário de nascimento daquele outro compositor alemão. Ao fazer dialogarem áreas diferentes – a filosofia, a música e a história –, Lisardo mostra por que Wagner se proclama herdeiro de Beethoven, “o fundador da obra de arte total”, e por que a música beethoveniana é capaz de manifestar teorias do filósofo Arthur Schopenhauer, caso do “conceito de Ideia”, que se define como “a profundidade revelada no sublime”, em oposição à superficialidade estética datada historicamente.

Os indivíduos e as pressões que frustram o dia a dia

● Este livro reúne seis ensaios – um deles inédito e os outros, embora já publicados em *Uma Nova Visão do Amor*, submetidos à atualização – de Flávio Gikovate, psiquiatra, terapeuta, conferencista experiente e autor de diversas obras que, juntas, já venderam mais de 600 mil exemplares. O tema comum aos textos do presente volume é a discussão em torno das pressões que os indivíduos sofrem. No ensaio inédito – *Corpo, Alma e Sociedade* –, o autor fala da frustração causada nas pessoas que se deixam influenciar demais pelas normas. Gikovate também defende a ideia de que o amor chega à plenitude se vivido como uma relação com a parável à amizade, em que teoricamente não haveria vínculos afetivos doentios.

Duas revistas envolvidas em celeuma nos anos 50

● Em *Imagens do Sagrado*, o fotógrafo e antropólogo Fernando de Tacca resgata um caso polêmico ocorrido no início dos anos 1950 envolvendo duas prestigiosas revistas: *Paris Match* e *O Cruzeiro*. Tudo começou quando o periódico francês publicou uma reportagem ilustrada com fotos sobre os rituais de candomblé na Bahia. O magazine brasileiro atacou o material da *Paris Match*, considerado preconceituoso. O embate surgido no âmbito jornalístico reverberou nos meios religiosos e intelectual. Foram envolvidos Roger Bastide, Pierre Verger, Henri-Georges Clouzot, José Meideiros, Edison Carneiro, Paulo Duarte e outros. Além da pesquisa, Tacca saiu a campo, falando com personagens atingidos pela celeuma.